Édipo e o conhecimento

O que a peça nos ensina é que a verdade se sobrepõe à ilusão. Este é o preço a pagar para quem insiste na vontade de saber

Por [Tatiana Salem Levy](#)

Valor, 28/03/2025

Continuando a investigação sobre o ser humano, depois de “Antígona”, fui levada a reler “Édipo tirano” (trad. Leonardo Antunes, Todavia), a mais célebre peça de Sófocles. Eu tinha lido essas duas obras quando jovem, mas sempre evitando as notas das traduções, por puro preconceito, aquela ideia de que notas são chatas. Mas, quando bem-feitas, não são. Pelo contrário, comentam e amplificam o texto original, que, afinal, é bem distante de nós. Distante no tempo, no contexto, mas não naquilo que tem de essencial. Por isso, “Antígona” e “Édipo tirano” são clássicos, porque atravessam as épocas com sua força.

Aí vem outro preconceito que criamos: a ideia de que clássicos são chatos. Somado à nossa resistência em ler peças de teatro, me pergunto quão pouco lidas essas peças devem ser. Toda gente sabe que Édipo matou o pai e se casou com a mãe; que ao saber a verdade Jocasta se enforcou e Édipo se cegou. Toda gente já ouviu falar no complexo de Édipo, descoberto, ou inventado por Freud. Agora, se você faz parte de quem já ouviu falar, mas nunca leu, acredite em mim: “Édipo tirano” é uma peça cheia de intrigas e suspense; é gostosa de ler, prende, tem todos os elementos de uma boa trama, com a vantagem de ser também pura filosofia. É tão permeada por questões sobre quem somos, sobre a verdade e a mentira, sobre a origem, que é impossível passar por ela sem ser transformado.

“Édipo tirano” ficou mais conhecido no Brasil como “Édipo rei” - isto porque a noção de “tirano” na Grécia antiga é completamente diferente da nossa, então o termo “rei” foi privilegiado, para evitar a confusão. Um tirano era alguém que assumia o poder não por voto, nem por sucessão hereditária legítima, mas por um golpe, uma conquista. “Se será benevolente ou terrível, é irrelevante a seu estatuto de tirano”, nos explica o excelente tradutor Leonardo Antunes. Ao chegar em Tebas, Édipo encontra uma cidade sem governante - Laio foi assassinado - e dominada pela Esfinge, um monstro que devora quem não resolve o seu enigma. Édipo ganha direito ao trono ao decifrar o famoso mistério: Que criatura pela manhã tem quatro pés, ao meio-dia tem dois e à tarde tem três? A resposta, como sabemos, é o homem, que engatinha quando bebê, anda sobre os pés na idade adulta e usa uma bengala quando envelhece.

Ao descobrir a resposta, ele se torna um (bom) tirano, governante de Tebas, e ainda desposa a viúva de Laio, Jocasta, com quem tem quatro filhos, Etéocles, Polinices, Antígona e Ismênia. Não deixa de ser irônico, portanto, que Édipo, que descobriu o insondável enigma da Esfinge, saiba tão pouco sobre o homem que ele é. Movido por outro mistério: Quem matou Laio?, o protagonista da peça acaba entrando numa obstinada investigação sobre sua origem. Ele está no comando de Tebas, é herdeiro do trono de Corinto e tem quatro filhos quando começa a desconfiar de que talvez não seja quem pensa ser. A questão da identidade vem junto com a

questão da origem, ambas motivadas pela busca pelo autor do crime que, já sabemos, se trata de um parricídio.

Creonte, cunhado de Édipo, é quem anuncia a mensagem do deus Apolo, a ordem de “eliminar a mácula nutrida aqui”, “com exílio ou com morte a morte novamente/ pagando, pois é sangue que desola a pólis”. Se Tebas se encontra devastada pela peste é porque o assassino de Laio não foi devidamente punido. A tranquilidade e a saúde só voltarão a reinar quando o criminoso for exilado ou morto. Sabe-se que ele permanece em Tebas, mas desconhecemos quem seja. Inicia-se então a busca, pois, como nos diz Creonte, “o que for procurado se encontra, mas escapa o que for ignorado”.

É o nascimento da filosofia grega, sem dúvida, da investigação pelo humano, da busca incessante pela clareza, pelo desvelamento. O embate entre a ignorância e o conhecimento se coloca desde o princípio da peça: de um lado, a visão; do outro, a cegueira. “Pois de uma coisa muitas se descobrem”, afirma Édipo, no prenúncio da busca pelo assassino, que se revela uma busca por si mesmo. Édipo matou o pai, tal como anunciado pelo oráculo de Delfos, mas o fez sem saber. Quando descobrir ter sido ele vítima e algoz do próprio destino, o que fará?

Mas até lá há uma travessia. Uma travessia que por diversas vezes pode ser interrompida. Enquanto Édipo procura incansavelmente a verdade, os outros - aqueles que a conhecem, os que desconfiam, os que a evitam - tentam dissuadi-lo de seguir adiante. Como afirma a psicanalista Maria Homem no posfácio, “mil vezes tentaram demover Édipo de sua busca, mil vezes ele insistiu em continuar. Todos - seus amigos, seus inimigos, o coro, o cego, sua mulher - tentaram lhe dizer que parasse com sua busca”. Mas ele não para. Há momentos em que nós, leitores ou espectadores, conseguimos enxergar mais do que ele, pois ele parece não querer ver, ou mesmo se recusa a ver a verdade. E, no entanto, não deixa de procurá-la.

Há nessa busca pela verdade também o desejo de que a verdade não seja de fato a verdade. Que não seja tão verdadeira assim. Mesmo quando tudo já está mais do que evidenciado, Édipo continua procurando provas irrefutáveis sobre a execução do veredicto que ele próprio ouvira do oráculo. “Tu nasceste para um mau destino”, diz o servo, logo antes de Édipo lamentar: “Ai de mim! Tudo se cumpriu bem claramente!/ Ah, luz! Por último eu agora te contemplo -/ eu que me revelei errado a quem nasci,/ errado em quem me uní, errado em quem matei!”. Logo depois, conclui o coro: “mortais jamais são felizes”.

A visão faz Édipo se dar conta de que passou a vida nas trevas, na obscuridade: seus pais, os reis de Corinto, não eram seus verdadeiros pais; o viajante com quem cruzou no caminho era o rei de Tebas e seu progenitor; sua mulher era sua mãe; seus filhos, seus irmãos. Depois de enxergar essa verdade, ele só pode se encaminhar novamente para as trevas, mas agora Édipo se dirige rumo a uma escuridão escolhida, ao cegar com os alfinetes do vestido de Jocasta seus próprios olhos, numa cena de horror extremo. As tragédias são conhecidas por não mostrarem, apenas relatarem o horror, mas quando o arauto nos conta que “com esse canto, várias vezes, não só uma,/ ele atingia as pálpebras e, a cada golpe,/ olhos ensanguentados tingiam a barba/ não com gotas pingando sangue, mas com negra/ súbita chuva de granizo sanguinária”, então nós vemos, diante de nós, quão longe o destino saltou.

A existência de Édipo se constitui em três momentos: primeiro, ele está cego de forma metafórica, alienado da sua origem; depois, finalmente descobre quem é e enxerga a verdade; por fim, fura os próprios olhos para voltar a não enxergar. Passa de um cegamento involuntário a outro, voluntário, como se a ausência de visão o pudesse levar de volta ao estágio inicial de ignorância. Mas o que a peça nos ensina, e que está nos fundamentos da filosofia que virá a seguir, é que o conhecimento não volta atrás, que a verdade se sobrepõe à ilusão. Este é o preço a pagar para quem insiste na vontade de saber, de conhecer.

Na introdução, Breno Battistin Sebastiani questiona: “O que faz um homem fazer o que faz, querer o que quer, viver o que vive?”. “Édipo tirano” é também uma peça sobre o equilíbrio - ou desequilíbrio - entre as vontades divinas (aquilo a que Édipo está predestinado desde o nascimento) e a autonomia do sujeito. Desde o momento em que consulta o oráculo, Édipo decide fugir à sua sina - mas é justamente nessa fuga que ele cumpre o vaticínio. Estaríamos presos então aos desígnios divinos? O que a tragédia nos mostra é que há sempre uma escolha e para aquele que sofre há outras travessias possíveis. Édipo escolheu saber, escolheu furar os olhos e se exilar em Colono - e é para lá que quero ir nos próximos dias, mergulhando em outra peça desse homem genial que foi Sófocles.

Tatiana Salem Levy, escritora e pesquisadora da Universidade Nova de Lisboa, escreve neste espaço quinzenalmente

E-mail: tatianalevy@gmail.com